



## **“EU VI AQUILO E NÃO GOSTEI” - A FOTOGRAFIA NA PERFORMANCE DO ZÉ PEREIRA**

Marcelo Fecunde de Faria  
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais  
Faculdade de Ciências Sociais – FCS  
Email: [fecunde@gmail.com](mailto:fecunde@gmail.com)

### **Resumo:**

O Zé Pereira é uma manifestação cultural em que um grupo de pessoas, mascaradas saem pelas ruas ao som do bumbo em dias que antecedem o carnaval brasileiro, na cidade de Itaberaí, estado de Goiás, Brasil, neste trabalho abordo a fotografia como extensão da performance por meio da visualidade construída e restaurada entre performers e audiência. A cidade vive o ato performático, presenciei em alguns momentos as pessoas saindo de suas casas, acomodando-se em calçadas, janelas, bancos na rua, para ver e ouvir a performance. Interessa-me aqui destacar, um dia, neste processo etnográfico em que performers mascarados receberam a visita do prefeito da cidade o que alterou as sensações da audiência e dos performers. O estudo das performances culturais agrega estes fenômenos que são importantes e que causam os abalos da Anti-estrutura (Victor Turner). Uma fotografia foi tirada neste dia, a pedido do prefeito e sua comitiva governamental, a pose para imagem no ato presente e toda repercussão que a fotografia causou na audiência no momento da performance e sua extensão no momento do esfriamento (Richard Schechner) fez perceber o quanto a experiência visual não se reduzia ao momento vivo, mas ampliou-se na fotografia gerando comentários diversos, entre eles: “Eu vi aquilo e não gostei”.

**Palavras-chave:** Performance cultural; Zé Pereira; Fotografia

O Zé Pereira é um grupo carnavalesco do município de Itaberaí, estado de Goiás, a 90 km da capital Goiânia. É uma manifestação cultural caracterizada por uma organização anual, e marcada pela presença da juventude. Em sua estrutura a composição é:

1. Mestre Hildo (diretor, mentor e mantenedor do grupo há mais de 40 anos)
2. Equipe de organização (formada por pessoas da confiança do Mestre Hildo e que tem a função de organizar e produzir as ações antes e durante as saídas no período carnavalesco)
3. Batucada (grupo de percursionistas que ensaiam durante do ano todo, mas tem seu ápice no período carnavalesco, fora do tempo de carnaval, recebem o nome de fanfarra. Popularmente recebem a mesma nomenclatura dos mascarados, chamados de Zé Pereira)



4. Mascarados (jovens e crianças que se inscrevem para as saídas do grupo no período do carnaval, vindos de lugares diversos do município, são formados em sua maioria por membros do gênero masculino. Popularmente, quando mascarados são conhecidos como Zé Pereira)
5. Foliões (público que acompanha, participa, assiste a performance)

Em 2012 quando iniciei a pesquisa de campo, para minha dissertação de mestrado, com o grupo do Zé Pereira no município de Itaberaí, havia um desejo de participar de todo processo de elaboração da performance, eu queria estar em todos os lugares dos agentes principais, eu queria ver as fontes, estar nas casas, saber as motivações e os impulsos gerados, bem como construir solidamente a sequência da performance.

Estando em campo percebemos que não é possível estar em todos os lugares, principalmente em um grupo como o Zé Pereira que tem uma diversidade de pessoas, de todos os cantos do município, de idades diferentes, de tempos de vivência diferente, membros que estavam desde criança a membros que estavam começando. No fim eu percebi que não seria possível estar em tantos lugares e que para ter um trabalho sólido eu deveria fazer escolhas. Tudo isso para dizer que os ecos de uma performance vão além da nossa compreensão e sempre que retornamos teremos algo novo para contar, pois cada dia é um dia, e no Zé Pereira, apenas os bumbos seguem seu ritmo de sempre.

### **A fotografia como mídia**

Sete anos se passaram e muitas ações foram reverberando no tempo, nestes anos tenho acompanhado algumas diferenciações no movimento performático, rotativo de participantes mascarados, mas não de agentes lideranças.

Entre estes ecos, estas frestas que se abriram, está o uso das redes sociais e de mídia como modo de comunicação principal. Claro que este processo faz parte de um sistema globalizado mundial e as manifestações populares estão localizadas neste mundo e por isso evoluem conforme as mudanças vão acontecendo. Mas no Zé Pereira este processo foi acontecendo devagar, desde 2012 o uso do celular como processo de visualização da performance durante a ação propriamente dita, ou nos 15 dias de saída, aumentou numericamente.

A espera de 2012 era permeada pela “conversa de jogar fora”, como dizem lá em Itaberaí quando a conversa não tem um cunho formal, em determinado momento se fechasse os olhos e tentasse escutar os som emitido pelas vozes, você iria perceber que não era possível identificar o que se dizia, falava-se alto e ao mesmo tempo. Formava-se vários

grupos espalhados pelos cantos, cada um com sua afinidade e sua expressão de fala. Em anos anteriores os relatos demonstravam que estes grupos de espera eram menores.

A saída dos mascarados no Zé Pereira é marcada por grande euforia, no processo ritual carnavalesco, os mascarados se organizam por detrás do portão e aguardam o momento de autorização para saírem tresloucados, pulando desordenadamente com gritos animais, com máscaras de látex horripilantes que reproduzem em suas faces monstros do repertório cinematográfico ou do imaginário virtual. Antes de saírem emitem um grito em conjunto, que me lembra urros de gorilas. Ao serem autorizados, os portais se abrem e eles são liberados para serem Zé Pereiras mascarados. É deste momento que quero destacar, o instante em que a audiência, público ou folião, não sendo um consenso na denominação, se depara com os mascarados surgindo.



Figura 1 - Zé Pereira, 2014. Foto: arquivo pessoal.

Em 2019 notei que o primeiro instante deste contato foi marcado pelo movimento de celulares ao alto tentando registrar a performance em fotografias ou mesmo transmitir ao vivo tal acontecimento nas redes sociais. Este comportamento causou-me um estranhamento, pois na medida em que eu observava, percebi que parte das pessoas que filmavam ou fotografavam assistia a ação performática pela tela do celular. É comum que



celulares e máquinas fotográficas sejam acionadas para registrar os momentos carnavalescos do Zé Pereira.

Os registros em vídeos e fotos são lançados nas redes sociais, instantaneamente pelo emissor da informação, ora há uma legenda dizendo do que se trata tal evento, ora as imagens falam por si, e ficam abertas a interpretações.

A fotografia tornou-se a forma de divulgação da performance do Zé Pereira, gerando uma ação anual do “*manda as fotos pra mim*”, as redes sociais tornaram-se o lugar onde as fotos transitam criando no espaço-tempo uma relação para comentar como foi a saída no dia e levantar pequenos fatos ocorridos.

Os mascarados em sua trajetória durante a performance pedem para que tirem fotos, se organizam em poses individuais ou em grupos, criaram um movimento que percorre toda a caminhada do cortejo pela cidade, nem precisam pedir, fazem a pose e alguém já fotografa com máquinas ou celulares.



Figura 2 - Zé Pereira, 2014. Foto: arquivo pessoal.

Os foliões que acompanham o cortejo e registram as imagens em seus celulares ou máquinas fotográficas veem na fotografia uma forma de demonstrar aos que não foram os fatos ocorridos. A imagem lançada nas redes sociais tem o objetivo de registrar e ganhar comentários sobre o momento vivido. Este processo tem sido cada vez mais instantâneo. A fotografia transformou-se em uma forma de mediação da performance, entre os que não foram e os que emitem o registro. Um dos modos pelo qual os participantes podem se





relacionar para discutir e comentar sobre os fatos ocorridos, este processo ativa os aspectos simbólicos da memória, mas também geram outros movimentos que vão além da performance ocorrida.

### **A sequência da performance**

Richard Schechner (1999) destaca que as performances são um conjunto de sete partes que formam uma sequência que precisa ser estudada como um todo para a compreensão de um sistema mais amplo. Este estudo é uma teia de análise que discute seis pontos de contato entre a antropologia e o teatro que se forma através de estudos que tocam ambas as áreas de conhecimento. O encontro entre Schechner (1999) e Turner (1982) estabelece uma relação que vai do rito ao teatro e do teatro ao rito, é por meio deste contato que Turner vai elaborar o conceito de drama social que se baseia nos estudos de outro antropólogo Arnold Van Gennep (2011).

Portanto a sequência total da performance, que utilizo para compreender o Zé Pereira consiste na ritualização, Schechner (1999) destaca que

Observando a completa sequência total da performance de sete fases, eu encontro um padrão análogo aos ritos iniciáticos. A performance envolve uma separação, uma transição, e uma incorporação (Van Gennep, [1908] 1960) cada uma dessas fases é cuidadosamente marcada. Nas iniciações as pessoas são transformadas permanentemente, enquanto que na maior parte das performances “fazem” uma pessoa tornar-se outra. Diferentemente das iniciações, as performances normalmente cuidam para que o performer recupere seu eu. Para usar as categorias de Van Gennep, treinamento, oficina, ensaio e aquecimentos são preliminares, os ritos de separação. A performance propriamente dita é liminar, análoga aos ritos de transição. Esfriamento e balanço são pós-liminares, ritos de incorporação. Estas fases do processo ritual também podem se aplicar de um outro modo à performance (p.37)

É através desse olhar, que sinaliza a sequência da performance no Zé Pereira como um modo de comportamento ritualizado. É importante dizer que a discussão sobre o rito e performance é muito cara tanto na antropologia ou nas outras áreas de conhecimento, como o teatro ou a sociologia.

Entendo aqui a performance do Zé Pereira em Itaberaí como uma performance ritual, refletindo que a sequência é formada por um conjunto de ritos ou por uma estrutura ritual, criando uma interrupção da vida cotidiana que gera uma nova estrutura (TURNER, 2013) bem como coloca a ação ritual em relevo (LANGDON, 1995).



Como vimos, para Schechner (2012) a compreensão da performance fundamenta-se por uma sequência ritualizada, para o autor “rituais são memórias em ação codificadas em ações, ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (p.49-50) assim os rituais levam as pessoas para uma outra realidade, que Turner (2012; 2008) intitula de antiestrutura.

É importante destacar que ao utilizar o termo antiestrutura Turner (2012 – 2013) não o vê como uma negação a estrutura, que ele define como “um arranjo mais ou menos peculiar de instituições mutuamente dependentes e a organização institucional de posições sociais e/ou atores que eles implicam (p. 253)” assim a performance ritual criaria uma nova estrutura, que Turner (2012) percebe como “um centro gerador, uma matéria da qual as formas possam ser desembulhadas, à medida que os homens buscam conhecer e comunicar-se (p. 254)”. Portanto a antiestrutura formada numa performance ritual se estabelece por meio de dois conceitos *liminaridade e ou liminóide e communitas*<sup>1</sup>.

O conceito de liminaridade para Turner é discutido como: os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados ou posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (p. 98). Turner (SCHECHNER, 2012) percebe que entre culturas tradicionais e culturas modernas possuíam diferenças devido a passagem pela revolução industrial e divisão de trabalho, neste caso “Turner usou o termo liminóide para descrever tipos de ações simbólicas que ocorreram em atividade de lazer, similares ao ritual, o liminóide inclui todos os tipos de arte e entretenimento populares” (p. 66).

### **Do liminóide ao balanço**

A ideia de sequência da performance proposta por Schechner como um estado liminar e ritualizado eleva a ação de fotografar e expor a imagem nas redes sociais como

<sup>1</sup>A *communitas* é um conceito muito discutido por Turner (2005-2012) caracteriza as relações que aparecem na liminaridade, estes laços são “antiestruturais no sentido de que são indiferenciados, igualitários, diretos, evidentes, não-rationais, existenciais (2012, p. 254)” na *communitas* as identidades não se fundem “ela as liberta da conformidade às normas gerais, embora esta seja necessariamente uma condição transitória para que a sociedade continue a funcionar de forma ordenada” (2012,p. 255).



um modo de ampliação da performatividade que uma imagem pode gerar. Zumthor (2017) destaca que a performance existe fora da duração, ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. (p. 50)

Quando a fotografia capta o instante presente da performance e segue gerando ações no balanço de uma ação performática, podemos dizer que há uma mediação daquele instante, ou uma ampliação da performance.

A fotografia abaixo gerou um movimento de revolta entre as pessoas que estavam presentes na saída do Zé Pereira, e mesmo sete anos depois ainda é lembrada como algo a ser repudiado. Naquele ano o grupo do Zé Pereira sentiu-se obrigado a tirar a fotografia com o prefeito da cidade. A foto ampliou a ação para as redes sociais e mobilizou comentários diversos que em resumo fazia duras críticas ao grupo que não se posicionou contrário a ação, pois naquele ano vinham fazendo diversos discursos contra a prefeitura do município por não conseguirem captar nenhuma ajuda financeira para custear as despesas.



Figura 3 - Zé Pereira, 2014. Foto: arquivo pessoal.

A imagem viralizou pelas redes sociais e celulares, os comentários eram de duras críticas ao prefeito que foi acusado de fazer propaganda eleitoral falsa. Os foliões que ali estavam e os que estavam distantes ampliaram as discussões em torno do enquadramento da imagem. As críticas virtuais pressionaram a administração pública, que nos anos



seguintes sentiu-se obrigada a contribuir financeiramente para as saídas do grupo no carnaval.

Leão (2001) destaca que a internet é uma hipermídia que se mostra como labirinto desterritorializado, e neste lugar onde nascem formas de comunicação os grupos podem se estabelecer como comunidades e criar ações que reverberem no tempo-espaço real.

Ao analisar a pequena história da fotografia, Benjamin (2017) destaca que

Além de toda maestria do fotógrafo e do calculismo na pose do seu modelo, o observador sente o impulso irresistível de procurar numa fotografia dessas a ínfima centelha de acaso, o aqui e agora com que a realidade como que consumiu a imagem, de encontrar o ponto aparentemente anódino em que, no ser-assim daquele minuto há muito decorrido, se aninha ainda hoje falando-nos, o futuro, e o faz de tal modo que podemos descobri-lo com um olhar para trás. A natureza que fala a câmera é diferente da que fala aos olhos. (p. 55)

A fotografia captada no instante da performance forma os enquadramentos que no universo virtual adquirem diversas interpretações, neste caso a imagem foi capaz de gerar ações que não representam toda a sequência performática do Zé Pereira, mas que foi gerada no balanço, que Schechner destaca como o momento de avaliar como foram as ações. Os comentários como “eu vi aquilo e não gostei” foram pronunciados pelas redes a partir da fotografia, e tornou-se performativo ao gerar ações que desenrolaram na assistência da administração nos anos seguintes para ajudar as saídas do Zé Pereira.

### **Referências bibliográficas**

- COHEN, Renato. Performance como Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2002 em pesquisa de campo. Florianópolis: UFSC, 2012.
- FARIA, Marcelo Fecunde. Zé Pereira: a performance ritual carnavalesca. Dissertação de mestrado – EMAC/UFG – 2015.
- GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- LANGDON, Esther Jean; PEREIRA, Éverton Luís. (org.) Rituais e performances: iniciações
- LEÃO, Lucia. O labirinto da hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LIGIÉRO, Zeca. Performance e Antropologia de Richard Schechner. Mauad: Rio de Janeiro,





SCHECHNER, Richard. Performance studies: introduccion, second edition. New York e London: Routledge, pg. 28 – 51. 2012.

\_\_\_\_\_. Magnitude della performance. Roma: Bulzoni, 1999.

TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Antropologia della performance. Bologna: Mulino, 1993.

WALTER, Benjamin. Estética e sociologia da arte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.